O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 34.º — Sábado, 22 de Novembro de 1941 — N.º 1708

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

O GRANDE INFANTE

O assombroso século de quinhentos, é dos maiores da história nacional.

Período masculamente português, peninsular e europeu, pela pleiade de eminentes figuras historicas, que o ilustram e engrandecem, encontrou no Infante D. Henrique, rara personalidade de místico e de sábio, um dos seus herois máximos e profundos, simultâneamente heroi da vida interior e heroi da acção.

O grande Infante, cujo aniversário comemorativo da sua morte acaba de passar, com a sua individualidade serena, silenciosa, concentrada e fria, Homem mais de pensamento e de acção que de palavras e de gestos, domina gigantescamente os pórticos fulgurantes, na idade moderna, da civilização europeia e mundial.

As suas inquietações de sábio, as suas meditações de filosofo, as suas vigilias de pensador, o seu aturado e perseverante sonho de adivinhação mental, é que conduziram o insigne navegador do subjectivo ao concreto, das abstracções às realidades, do mundo desconhecido às certezas da descoberta.

Tanto se *ensimesmou* no seu sonho lucido de devassador e perscrutador dos horizontes desconhecidos, dos mares ignotos e dos terrores lendários e misteriosos dos Cabos, que dominavam o Atlantico, que a tarefa, sem descanço, da sua inteligência, da sua imaginação e da sua intuição divinatória, foi inteiramente coroado de êxito.

Mas o gigante e o hercules do pensamento e da vontade, foi, ao mesmo tempo, o extraordinário e tenacismo obreiro, construtor e coordenador da acção.

Na sua laboriosa e solitária oficina de Sagres, no promontório sagrado, perpétuamente batido pelas vagas marulhantes do mar, na fraternidade quási divina do céu, das estrelas e das águas, rodeado dos seus colaboradores e dos seus técnicos, pessoalmente por êle atraídos, debruçados sobre mapas, cartas de marear e instrumentos de navegação, o alto Infante traçava os grandes planos das temerárias rotas sôbre os oceanos ignorados e perigosos.

E, assim, teve inicio, metodização e desenvolvimento, dentro dos recursos científicos, geográficos, náuticos, matemáticos e astronómicos da época, o arripiante, emocionante e surpreendente drama das navegações portuguesas, que desvendaram no decorrer dos tempos, por completo, com os seus enigmas e mistérios, os mares, os continentes e as terras do globo.

Ali preparou, cuidadosamente, os mareantes que, em frágeis caravelas, com a morte permanente a soluçar a seus pés, haviam de realizar as maiores façanhas de todos os tempos, que engrinaldam a história e os fastos tradicionais da humanidade, dissolvendo o maravilhoso que povoava o universo.

Os feitos imortais desta nossa para sempre gloriosa e heroica gente portuguesa, estimulados e espicaçados pelo Infante, abrazado na febre devorante do saber, da descoberta e de romper as trevas dos horizontes que limitavam os vôos e os anseios da inteligência humana, serão inesquecíveis, como símbolo e expressão do valor, do sacrifício e das energias da nossa raça.

Quantas vezes a sua fé, a sua coragem, a sua alma indomável e ardorosa, é que os incitáva a marchar para a frente, a sondar os mares, a devassar as terras, a vencer os obstáculos e os perigos, dando bem o quilate angustiante do sonho mental, em que totalmente se absorvêra!

Mais que uma vez empregára a palavra mêdo, que as crónicas rezam, como que a chicotear os nervos e a alma de verdadeiros herois, mas para quem se exigia heroismos sobrehumanos, que ultrapassavam todos os limites assinalados aos mortais, que eram, por assim dizer, quási próprios de deuses!

D. Henrique, perfeito tipo de cavaleiro medieval, devotado à Pátria, a Deus e ao ideal da Cristandade, austero, duro, activissimo, alma de fôgo, vontade de aço, paixão ardente, chama viva, animo prodigioso, não pertence só ao património de glórias da grei portuguesa, mas ao património progressivo da humanidade inteira, pois é um sábio de estatura universal.

Comandou uma verdadeira revolução geográfica e científica, pois o mundo depois da emprêsa das navegações e das descobertas, é diferente, não se conhece, é inteiramente outro.

Não foi ao acaso, ao calhar, simples aventura ainda que esforçada e heroica, que levou os portugueses magníficos do passado, à descoberta e à familariedade com as costas marítimas, as ilhas e as estradas oceânicas do universo.

Foi o melhor da observação, da experiência, do cálculo, do estudo e da meditação criadora; foi uma emprêsa metódica, consciencioso, dominada por um plano, cheia de rigor e de precisão científicas.

Se utilizou a experiência e os valores científicos do seu tempo, ela foi na execução, uma renovação e uma construção científicas, o que lhe dá mérito próprio, característico e assombrosamente honroso para os portugueses.

Hoje, para nós, evoear e recordar a severa e bronzea figura do grande e alto Infante, nesta hora em que a pátria renovada e em reconstrução se sente senhora dos seus destinos, mas em que no ceu do mundo pairam nuvens de incertezas e de incognitas, é retemperar as energias da raça e da grei eternas, à sombra tutelar do seu lendário exémplo de fé patriótica e do seu incomparável amor à terra lusitana.

J. Carreira

O preço do sal

Como é sabido, foi deminuta, mesmo muito reduzida a sua produção, êste ano, pelo que se computa por 2.000$00 cada vagon. Há, porém, quem julgue êste prêço exagerado, atribuindo-o a especulação. Não é, porque em circunstâncias idênticas de produção observou-se sempre o mesmo facto, portanto já tradicionalmente consagrado.

E querem saber? Ainda assim um quilo do nosso sal, que se vende a 20 centavos, é mais barato do que um quilo, por exemplo, de papel sujo que por aí se compra a 50 centavos.

Compare-se.

«O Regional»

Este colega de S. João da Madeira, pelo visto, sente um certo desânimo por verificar que, ao cabo de 20 anos, são cada vez maiores os obstáculos avolumados à sua volta, chegando a dizer, como remate dum artigo intitulado *Verdades amargas*:

O Regional, o velho órgão a quem bastante devem muito dos indiferentes e, até, inimigos de hoje, não quere viver uma vida de renegado ou de inutil. Por tal motivo, se êle vier a desaparecer que fique esta certeza—não retira vencido, mas sim enojado.

Acreditamos piamente na razão que o *Regional* tem para assim falar. Mas isso não o deve conduzir ao extremo duma renuncia que possa ser tomada à conta de fraqueza.

Casas para alugar

Estão muitas com escritos tanto dentro da cidade como nas imediações, o que não obsta que outras se construam, principalmente na Avenida.

A última parte revela bom sinal.

A «Micas Saloia»

Os nossos leitores não a conhecem, nem nós. Tratando-se, porém, duma mulher que tem no seu activo nada menos de 109 prisões por furto, resolvemos apresentá-la para que os provincianos, de passagem em Lisboa, se acautelem, visto ser de respeito...

Atrai como um iman e depois nem a polícia quer nada com ela, acabando por a pôr na rua...

Temos que viver do que produzimos. Temos que produzir mais para podermos viver.

Serviços postais

Do Secretariado da Propaganda Nacional recebemos os seguintes comunicados:

O jornal *O Democrata*, de Aveiro, no seu número de 5 de Julho p. p., alude às demoras verificadas na entrega dos exemplares do mesmo a assinantes seus de Ester, Castro Daire, e do Pôrto. Informa-nos, a-propósito, a Administração Geral dos C. T. T. que a deficiência assinalada já terminou.

Aludiu o *Democrata*, de Aveiro, no seu número de 11 do mês findo, à devolução, indevida, dum exemplar do mesmo, endereçado ao seu assinante sr. Carlos Ferreira, de Viseu.

Informa-nos, a propósito, a Administração Geral dos C. T. T., que o facto se verificou como conseqüência da declaração feita ao carteiro respectivo pelo pai daquele indivíduo, encarregado de receber a correspondência, e portanto, sem responsabilidade para os serviços postais.

Agradecemos a atenção prestada às nossas reclamações, mas o ideal seria não termos ensejo para as fazer.

Escola Industrial

Diz-nos o *Correio de Azemeis*, a propósito da local aqui inserta numa das semanas anteriores, que lá na vila se dá precisamente o contrário do que se passa em Aveiro: existe um explêndido edifício onde ainda há pouco foram gastos cêrca de 50 contos em obras, mas a matrícula, em vez de aumentar, tem diminuido de ano para ano a olhos vistos.

O que as coisas são!

Como tudo anda invertido, às avessas, mal orientado!

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

A repressão do escarro

A Liga de Profilaxia Social, que desde há muitos anos tem porfiàdamente combatido junto das instâncias competentes o mau hábito de cuspir e escarrar no chão, não pode deixar de olhar com simpatia todas as medidas tomadas no sentido de se irradiar dos nossos costumes essa velha usança, tão perniciosa para a saúde quanto inestética e até repulsiva. Combater o escarro é combater a tuberculose e várias outras doenças infecciosas, assim como é propiciar o turismo e o bom nome de Portugal junto dos estrangeiros que nos visitam.

Mas prestada assim esta justiça à orientação enérgica assumida pela Polícia de Segurança Pública do Pôrto, a Liga de Profilaxia aproveita esta oportunidade para dirigir um novo e veemente apêlo à população do Pôrto, para que, dando uma óptima prova da sua educação e do seu civismo, seja a primeira a evitar que a Polícia tenha ocasião de intervir, colocando-se espontâneamente dentro dos bons preceitos de higiene e civilidade, que nos levem a renunciar de *motu próprio* a todos os actos que podem ser prejudiciais ou repelentes para a comunidade.

Além disso a Liga de Profilaxia renova, igualmente, a sua prevenção primitivamente feita em Novembro de 1940, às pessoas de fóra do Pôrto que visitem a cidade, para que evitem, também, incorrer nas penalidades aplicadas, ao mesmo tempo que aproveita a ocasião para recomendar a todas as cidades e vilas do país que, a exemplo de Lisboa, do Pôrto e das outras terras onde esta medida já vigora, adoptem, sem tardar, a mesma salutar disposição.

Fartura de sardinha

No Furadouro, as duas companhas de pesca que trabalham com *chávegas*, arrastaram 242.806$90 no mês findo, só de sardinha. Todavia, nem uma chincámos porque continua ausente dos mercados.

E é tão saborosa, nesta época, assada e comida com um pedaço de borôa!...

Aniversário de Bombeiros

Está prestes a festejar um novo aniversário a Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, que já elaborou o programa comemorativo do qual faz parte a inauguração dum novo pronto-socorro.

O dia 30 do corrente vai ser, pois, de congratulação para êsses soldados do fogo por transpôr mais uma *étapa* a corporação a que pertencem.

Tocará em todas as demonstrações festivas a respectiva banda de música.

CARTAS

Novembro, 1941

Minha querida:

Nêste período de ressurgimento que o nosso país atravessa, tem oportunidade a iniciativa levada a cabo pela Livraria Sá da Costa, de editar a colecção dos clássicos.

Foram publicadas ultimamente as poesias de Filinto Elísio, seleccionadas e anotadas pelo distinto professor Dr. José Pereira Tavares. Aveirense pelo coração, não quis que fôsse um escritor de *longes terras* que se referisse à obra dum nosso quási conterrâneo, pois que Filinto Elísio é natural da vizinha vila de Ílhavo.

Lembras-te, minha querida, da antipatia irreverente que nós tínhamos pelo *massudo* e *pesadão* clássico? Agora que li o livro do dr. Tavares, tão cheio de notas explicativas e anotações, arrependo-me das nossas irreverências.

Começa a obra por um prefácio esplêndido, já por si uma lição de mestre, em que é focada a vida, a obra e a arte do poeta e fragmentos que sôbre êle tem escrito os seus críticos.

Depois o dr. Tavares teve o felicíssimo critério de dispôr as poesias por assuntos e, assim, juntou tôdas as que se referem à defeza da língua, depois aquelas em que fala da Pátria, virtude, liberdade e ciência (estas as mais humanas e as melhores, talvez), em seguida aquelas em que se queixa das amarguras do exílio e, finalmente, poesias várias.

Graças a esta seqüência feliz e metódica, podemos apreciar o vernaculismo do poeta, a sua sensibilidade e inspiração e os temas tão universais e tão em harmonia com o espírito da época das suas poesias.

E' de lastimar que Filinto Elísio, que tão bem *soube servir a vida com a arte*, tenha sido injustamente esquecido pelos cultores e apreciadores da boa literatura.

E', pois, digna dos maiores elogios a iniciativa do dr. José Tavares em trazer até nós a poesia nostalgica dêsse poeta, que viveu exilado em luta com a miséria. Fazendo ressurgir essa figura de relêvo da literatura, o ilustre professor tornou Filinto Elísio mais conhecido da gente môça, que pelo classicismo não tem a devida e merecida simpatia e prestou às letras portuguesas um valioso serviço.

Um abraço da

Zèmi

O TEMPO

Tem andado a variar o que não admira nesta época em que muitas cabeças também andam à razão de juros...

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

Melhoramentos rurais

Data de 1932 o decreto que faz parte das medidas relacionadas com o desemprêgo então tomadas pelo sr. Eng.º Duarte Pacheco, como Ministro das Obras Públicas e Comunicações, decreto pelo qual se estabeleceu o regime de comparticipação do Estado nos melhoramentos rurais.

A Constituïção Política de 1933 perceituou, depois, a obrigatoriedade das Câmaras Municipais distribuírem pelas freguesias, com destino a melhoramentos rurais, parte das suas receitas.

O Código Administrativo, tanto na sua forma provisória como na definitiva, tornou efectivo êste princípio.

Daí as freguesias beneficiarem da parte que lhes cabe das receitas municipais e da comparticipação do Estado para os referidos melhoramentos e por êsse meio se terem desenvolvido largamente as obras de utilidade local que vão transformando a fisionomia dêsses pequenos agregados populacionais, contribuíndo para a sua valorização económica, aperfeiçoamento higiénico, comodidade e embelezamento.

Demografia e Acção Moral

Como já tivemos ocasião de dizer, acentua-se o aspecto desfavorável já verificado no ano anterior: diminuiram os nascimentos. Este fenómeno é influenciado seguramente por causas de mal-estar geral que atingem outros países, mas nem por isso devemos descurar o problema para que se não perca aquela margem anual de vida nova que proporcionalmente mantemos sôbre os outros povos europeus.

Impõe-se, por isso, uma acção intensa de todos os que têm a seu cargo a educação e a formação moral das famílias portuguesas no sentido do fortalecimento das virtudes tradicionais e do combate aos agentes de desagregação, que uma profunda crise internacional logrou trazer até ao nosso país.

Pela nossa parte, estamos prontos a colaborar...

O "Ark Royal,,

Foi torpedeado, afundando-se nas proximidades de Gibraltar, o maior porta-aviões inglês, cujo nome ficará na história desta guerra como o *Hood*, que teve a mesma sorte.

Dos seus 1.600 tripulantes, felizmente, poucos morreram—apenas uns 30. Mas dos aparelhos que levava a bordo quási todos se perderam por, em seguida ao ataque, terem deixado de funcionarem os elevadores.

OS MONUMENTOS DE PARIS

Um recente decreto do govêrno francês ordena que sejam retirados todos os monumentos de bronze que não tenham valor artístico de modo a que o metal possa ser utilizado com outros fins mais úteis. Por êsse facto já na próxima semana deverão desaparecer da cidade-luz, hoje escurecida até mais não, talvez uns noventa.

Coisas do Destino...

ASSISTÊNCIA INFANTIL

A obra de assistência à criança desenvolvida dentro do Estado Novo, se não atingiu ainda a amplitude prevista de acôrdo com os princípios de revigoramento nacional que o regem, é já hoje consoladoramente notável. Tem-se caminhado com a melhor boa-vontade e ninguém dirá que se outras fôssem as possibilidades financeiras, outros não seriam os resultados. Verifica-se, ao lançar os olhos sôbre o sector da puericultura, que onde as disponibilidades têm sido maiores e mais assiduas é precisamente onde a acção se tem tornado mais eficiente e mais vasta. Haja em vista o exemplo da Junta da Província da Estremadura. A obra dos seus dispensários para crianças instituiu-se em 1931. Data dêsse ano a criação do primeiro *pôsto*. Ascendem actualmente a 18. Até ao começo dêste ano subia a 15.068 o número de crianças inscritas.

Além do cuidadoso exame médico pré-natal a que foram sujeitas numerosas mães e tratamento depois do nascimento da criança, os pequenitos receberam 17.648.864 refeições diárias, constituídas por cêrca de 353 toneladas de leite em pó e farinhas nacionais e estrangeiras, conforme os casos médicos. Deram-se 85.956 consultas rigorosas e fizeram-se 421.480 observações clínicas normais, 131.967 visitas domiciliárias, 41.817 tratamentos por agentes físicos, 6.377 anti-sifiliticos, 41.290 tratamentos diversos e injecções e 7.867 vacinações, entre as quais muitas anti-tuberculosas.

Vale a pena, agora, atentar nos seguintes numeros: no primeiro ano e meio de serviço dos «dispensários» registou-se a pavorosa percentagem de 20,6 de mortalidade entre os pequenitos; nos anos de 1933-34 obteve-se o resultado de 12 %; em 1935 registaram-se 127, devido a uma epidemia infantil que houve nêsse ano em Lisboa; em 1936-37, desceu a percentagem para 11,5. Até esta data funcionaram, apenas, 4 «dispensários». Em 1938, com seis «dispensários», a percentagem da mortalidade baixava para 10,7 e nos anos de 1939-40 fixava-se em 9 %. Cremos que êste último resultado põe os serviços da puericultura da J. P. E a par das melhores organizações congeneres do estrangeiro.

Igualmente exemplar tem sido a obra realizada pela Junta de Província da Beira Litoral. Coimbra pode ufanar-se da sua acção nêste mesmo campo e só por falta de espaço não incluimos os números eloqüentes por que ela se traduz.

E não findaremos êste artigo sem uma referência de todo o ponto justa à benéfica acção dos *Parques Infantis*, tanto os da Câmara Municipal de Lisboa como àqueles que se devem à bela iniciativa da poetisa Fernanda de Castro, que, numa hora de rara inspiração, os criou e os tem mantido à custa de tenacidade e de dedicação invulgares.

S. P.

O "Oppidum,, de Vouga-Marnel

pelo Dr. Alberto Souto

IV

«Chamou-se a isto descoberta. Uma descoberta arqueológica. Mais pròpriamente se deveria dizer que eu constatara a edade luso-romana dos restos arqueológicos de Cacia e averiguara que as ruínas que alguns autores ali mencionaram e que os achados que por ali se faziam, pertenceram a um povoado da velha foz do Vouga desaparecido após a dominação de Roma.

Chamemos a isto, de boa mente, um achado arqueológico, sem pretensões da minha parte, nem estultas vaidades a que não sou afeito.

Terá o achado de Cacia alguma importância?

Noutras regiões do país, a descoberta não causaria impressão. Ruínas notáveis proto-históricas e luso-romanas encontram-se, a miude, por êsse Portugal fóra, marcando as pègadas dos conquistadores que passaram e dos povos remotos que por aí viveram.

Mas na margem esquerda do baixo Vouga e nos plainos, agras e praias da Beira-mar, é que até hoje nada se encontrára ou identificára que documentasse a época romana ou provasse a existência de populações luso-romanas a tanta proximidade do mar.

Áparte a cabeça de Jano, do Museu de Aveiro, desenterrada no próprio Convento de Jesus, nem um tijolo, nem um caco jàmais surgiram nesta região, que servissem de pergaminho de antiguidade dos tempos romanos à pátria de José Estêvão e aos povos que a circundam.

Falou Plínio no *oppidum Talábriga*.

Existiu também, segundo outra versão do mesmo clássico, o *oppidum Vacca*.

Houve também a *civitas Marnele*.

E todos estes três povoados demoraram pelas proximidades do rio Vouga.

Podemos admitir que *Marnele* e *Vacca* (Vacua, Vagia) tenham sido nos sítios do Marnel e Vouga, entre cujas povoações fica o histórico *cabeço*, regado pelo sangue dos combatentes de 1828, onde são evidentes os traços romanos e os restos de uma povoação de altura, bem providos de meios de defêsa, e onde o exame do terreno não deixa dúvidas da sua antiguidade.

Sem necessidade de excavações ali encontrei eu o clássico poço e ali recolhi *tegulas* e tijolos de molde romano, um *pondus* e mós manuarias de que houve, segundo o meu inquérito, enorme quantidade.

O *Itinerário* de Antonino Pio menciona *Talábriga*, que ficava não longe da foz do Vouga sôbre a estrada romana que ia de *Aeminium* para *Calem*.

Ora segundo o abalisado e notável estudo do sr. dr. Felix Alvares Pereira, sôbre a *Situação Conjectural de Talábriga*, a velha e heróica cidade da Lusitânia, não podia ter existido na margem esquerda do Vouga.

Nas *Origens da Ria de Aveiro*, dissera eu:

«O que é positivo é que a estrada romana passava em **Talábriga** *e daí, pela contagem das milhas e pelas deduções tiradas da estratégia militar dos romanos e da localização das* **oppida** *e dos* **castros**, *sempre construidos em alturas defensáveis e naturalmente protegidos pela configuração do terreno, o sr. dr. Alves Pereira se insurge contra a opinião dos que consideravam* **Talábriga** *uma cidade da região da esquerda do baixo Vouga.*

São de valor e pêso os seus argumentos.

Os romanos não iriam provàvelmente construir a sua grande estrada militar através de terrenos baixos, pantanosos e impraticáveis, que separam Aveiro, Cacia e Eixo, de Canelas, Angeja, Frossos e Loure.

E se aí não existissem emergências, mas um estuário profundo, tanto pior.

Nenhum vestígio existe, porém, ou foi até agora descoberto, de qualquer obra romana nestes sítios, nem mesmo a montante, até ao Marnel e Lamas do Vouga, a não ser que pertença aos romanos a ponte de Almeara, de que falaremos adiante.»

Mas agora surge-nos um imprevisto: uma povoação romana e digo, por enquanto, apenas romana, na margem esquerda do baixo Vouga, em Cacia, a seis quilómetros ao norte de Aveiro, debruçada sôbre as águas do rio, numa pequena península, ocupando uma posição estratégica favorável à sua defêsa, e próximo da foz do Vouga que, há 1.500 ou 2.000 anos, ali deveria ser ainda profundo e bem franco às comunicações com o mar.

Não se conhece o *ubi* de *Talábriga* de que Aveiro pretendia descender.

Supõe-se ter existido, pelas ponderosas razões expostas pelo sr. dr. Felix Alves Pereira, na margem direita do Vouga, nas proximidades de Albergaria-a-Nova.

Mas agora aparece-nos Cacia romana, poderiamos dizer já luso-romana, talvez em breve se possa dizer pre-romana romanisada, que nunca os autores anteriores ao século XVI mencionaram.

A surpresa é importante e, com razão, nos impressiona.

O alvoroço que a notícia despertou é, na verdade, bem justificado».

Correios e Telégrafos

Um novo edifício foi inaugurado, domingo, em Vila Nova de Ourém, que exultou com o acontecimento, por os serviços terem deixado de funcionar em casa imprópria e sem as mínimas comodidades para o pessoal e para o público.

Deveras estimamos que assim tivesse acontecido.

«Recreio Artistico»

Nesta antiga agremiação local realiza-se, na noite de 29 do corrente, um grandioso baile que será abrilhantado pelo *Vista Alegre Jazz*.

E' organizado por um grupo de sócios que está a endereçar convites à fina flôr das nossas tricaninhas.

Agradecemos o enviado também a êste jornal.

As ruas da cidade

Com as chuvas voltaram as covas, não havendo remendos que nos livrem dos salpicos da lama à passagem dos carros.

Até quando?

Deixar uma terra por cultivar é cometer um crime contra a segurança nacional.

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, no dia 16, a interessante Maria Eneida, filhinha do sr. João Baptista do Amaral Brites, 2.º sargento de Infantaria 10, actualmente nos Açores; hoje fá-los o sr. Cipriano Neto, chefe da secretaria da Câmara Municipal; o inocente Victor Manuel, filho do sr. Floriano A. Lopes, do Salão Azul, e a Fernandinha, filha do sr. José Lopes Godinho, professor em S. Martinho de Gandara (O. de Azemeis); àmanhã, a sr.ª D. Conceição Dias Morais, esposa do sr. capitão António Rodrigues Morais; o nosso bom amigo Carlos Aleluia, da acreditada Fábrica Aleluia; *os srs. José Meireles, Manuel F. Leite Pais e António Campos Graça; a interessante Julia Seabra Duarte e os meninos Carlos Augusto Nóbrega e Silva e José Moreira de Matos, filhos, respectivamente, dos srs. Severim Duarte e tenentes Natividade e Silva e Joaquim de Matos; no dia 26, o nosso amigo Jorge Marques, residente em Esgueira; em 27, o sr. Carlos de Pinho Guedes Pinto, funcionário do ministério dos Estrangeiros, e em 28, a sr.ª D. Maria José Martins Mota Lima, esposa do sr. Luciano Marques Lima, residente em S. Lourenço (Sabrosa).*

Gente nova

Teve o seu feliz sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Armanda da Maia Abrantes Saraiva, esposa do tenente de engenharia sr. José Salvato Bizarro Saraiva e filha do sr. Joaquim Dias Abrantes, antigo comerciante local.

A' recem-nascida, que foi registada

com o nome de Margarida Maria, desejamos um futuro risonho.

Partidas e Chegadas

Com curta demora esteve esta semana em Aveiro o director do nosso confrade A Opinião, de Oliveira de Azemeis, Augusto de Barros, a quem nos foi grato cumprimentar.

—Depois de aqui ter passado alguns dias, retirou para Lisboa o nosso conterrâneo João Luis dos Santos Vaz, empregado na Caixa Geral de Depósitos daquela cidade.

Doentes

Não teem passado bem de saúde os srs. capitão Luís da Silva Curralo e Joaquim António Vieira, empregado na filial do Banco N. Ultramarino.

—Em Agueda voltou a agravar-se o estado do sr. tenente Lopes dos Santos, que recolheu, de novo, à cama.

Desejamos o restabelecimento de todos.

Salvé 22-XI-941

Passando hoje o primeiro aniversário da inocente Lénita, enviam-lhe muitos parabens seus estremosos pais.

Glória Morgado Avelino
Do *Salão Chic*
João da Silva Avelino

NECROLOGIA

Uma síncope cardíaca fulminou, no último sábado, Joaquim dos Santos Rodrigues de Almeida, que de Lisboa para aqui viera, há anos, residir.

Durante a sua existência, que não foi longa, pois desaparece com 60 anos, sofreu inúmeros desgostos que lhe abalaram a saúde, fazendo-o agora resvalar no túmulo.

Lamentamos, também, a sua morte, pois era uma creatura extremamente delicada e prestável e possuia outros predicados que bastante o nobilitavam.

Foi sepultado, civilmente, no cemitério novo, aonde o acompanharam diversas pessoas e representantes da P. S. P. e das duas companhias de bombeiros. Da chave da urna foi portador o sr. João Evangelista Sarabando, visinho do extinto, que deixa viuva, a quem manifestamos o nosso pesar.

* * *

Com 77 anos finou-se na noite de segunda-feira a sr.ª D. Maria Augusta Ferreira Gaspar, a quem uma bronquite crónica há muito atormentava a existência.

Era casada com o sr. Manuel Cação Gaspar, escrivão de Direito, aposentado, e irmã dos srs. Jeremias Vicente Ferreira, empregado na Capitania, e Tomaz e Florentino Vicente Ferreira, já falecidos.

O seu entêrro realizou-se terça-feira de tarde para o cemiterio central, incorporando-se nêle pessoas de todas as categorias sociais. Sôbre o feretro, de cuja chave foi portador o sr. dr. Custodio Patena, chefe da filial do Banco N. Ultramarino, viam-se algumas corôas e *bouquetts*, com sentidas legendas, que diziam do sentimento de quem as inspirou.

O Democrata associa-se ao luto que envolve o viuvo, irmão e restante família da extinta, sem excluir a sua afilhada, a sr.ª D. Marília da Conceição Maia de Sousa, esposa do sr. Reinaldo Neto de Sousa, escrivão de Direito em Penafiel e na companhia de quem viveu, enquanto solteira, e os numerosos sobrinhos, especialmente Manuel Vicente Ferreira, empregado na Agência do Banco de Portugal; António Vicente Ferreira, tesoureiro da Câmara Municipal, e José Vicente Ferreira, chefe da Estação Telégrafo-Postal.

* * *

Desde quarta-feira que não pertence ao número dos vivos o abastado lavrador António Vieira dos Santos Júnior, que contava 75 anos.

Era casado, deixou quatro filhos e o seu cadáver foi sepultado no cemitério central depois de ter oficios na Sé Catedral.

* * *

Em Ilhavo deixou de existir, na madrugada de segunda-feira, a sr.ª D. Ausenda de Oliveira Pinto Machado, viuva do comerciante sr. Joaquim Marques Machado.

Contava 70 anos de idade e no seu funeral, realizado no mesmo dia de tarde, incorporaram-se numerosas pessoas, conduzindo a chave da urna o sr. Silvério Amador, genro da extinta.

A êste nosso amigo, a sua esposa e restante família enlutada, as nossas condolências.

* * *

Em Lisboa também faleceu esta semana o sr. Sebastião de Lemos Magalhães Lima, filho do saudoso publicista sr. dr. Jaime de Magalhães Lima.

Deixa viuva a sr.ª D. Maria da Conceição Azevedo M. Lima e duas filhas.

Secção Desportiva

Beira-Mar—S.C. de Espinho

Duas derrotas, dois empates e uma vitória—eis o balanço da actividade futebolística do *Beira-Mar* na presente época. Passivo superior ao activo—mas, a avaliar pelo último encontro, frente aos campeões distritais, boas possibilidades de conseguir um volta-face.

O popular club aveirense, embora se diga o contrário, tem jogadores de merecimento. Simplesmente o *foot-ball* é desporto de equipa—e uma equipa quer dizer também conjunto... O jogo dos beiramarenses não é tão agradável, não está tão bem desenhado como noutras equipas—e daí certo público descrer da turma local. Mas a verdade é que para equilibrar com os melhores bondam os valores individuais que possui. Daí, fica demonstrado que se a equipa treinasse devidamente seria capaz das maiores proezas. E a prova provada de que há jogadores é termos nas *reservas* alguns jovens de futuro—e até o facto dessas mesmas *reservas* estarem excelentemente classificadas.

Parece que por enquanto há apenas falta de dirigentes entusiastas, sobrando, pelo contrário, as boas pessoas que, nada produzindo, criticam tudo e todos...

No domingo, o *Espinho* perdeu em *primeiras* e *reservas* por 2-4 e 1-2, respectivamente. O encontro jogou-se no Estádio Mário Duarte, arbitrando, um tanto deficientemente, o sr. Barros, que, todavia, procurou ser imparcial.

O resultado das *reservas* foi feito nos começos do encontro e dá ideia da marcha do jogo.

Em primeiras categorias, marcou logo de entrada o *Espinho*, mas o *Beira-Mar* igualou daí a pouco e conseguiu chegar ao intervalo com 3-1 a seu favor. Na segunda metade, ambas as turmas marcaram o seu *goal*, tendo os aveirenses estado a vencer por 4-1. Depois os médios recuaram e os visitantes desceram naturalmente...

O resultado ajusta-se à marcha do encontro.

A.

Correspondências

Eixo, 16

Com 14 anos, apenas, foi ceifado pela tuberculose, Fernando Marques da Costa, filho do sr. João Ferreira da Costa, a quem acompanhamos no seu desgôsto.

—Também acabou os seus dias, Maria do Rosário Felizardo, de 38 anos e que há muito estava paralitica.

Era filha de Manuel Rodrigues Felizardo, igualmente falecido.

—Encontra-se gràvemente doente na capital a menina Maria José Mota Afreixo, dilecta filha do sr. dr. Jaime do Rego Afreixo e neta do nosso ilustre conterrâneo sr. Almirante Jaime Afreixo, que continua melhor dos seus padecimentos.

C.

Esgueira, 19

Foi ontem acometida, nessa cidade, duma hemorragia cerebral que lhe causou a morte, a sr.ª Maria da Luz e Silva, de 64 anos de idade, e que há mais de vinte tinha enviuvado.

O inesperado desenlace causou, como é de calcular, dolorosa impressão, não só na família como também a quantos a conheciam e apreciavam as suas boas qualidades.

O enterro realizou-se esta tarde com grande acompanhamento, levando a chave da urna o sr. Francisco Pereira Lopes, dessa cidade. A destacar, dois *bouquets* com sentidas dedicatórias, sendo um das filhas e genros e outro dos netos.

A extinta era sogra dos nossos amigos Américo Ramalho, sócio dos *Armazens de Aveiro, L.da*, e Fernando Betencourt, 2.º sargento de Infantaria 10, actualmente nos Açores, deixando ainda uma filha solteira.

A tôda a família apresentamos sentidos pêsames.

P.

N. da R.—Êste jornal, que também se fez representar no funeral, envia aos doridos e especialmente a Américo Ramalho, as suas condolências.

Câmara Municipal de Aveiro

Concurso

Doutor Lourenço Simões Peixinho, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

De harmonia com a deliberação tomada em reünião de 13 do corrente mês, faço saber que se encontra aberto concurso por espaço de vinte dias, a contar da data da publicação do presente aviso, para a adjudição da exploração sonora durante a próxima Feira de Março, de 25 de Março a 20 de Abril.

As condições do concurso encontram-se patentes em todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Secretaria da Câmara Municipal.

Aveiro, 14 de Novembro de 1941.

O Presidente da Câmara
as) *Lourenço Simões Peixinho*

Câmara Municipal de Aveiro

Convocação

Doutor Lourenço Simões Peixinho, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

De conformidade com o § 1.º do art.º 28.º do Código Administrativo e para efeitos do mesmo artigo, convoco todos os vogais eleitos pelas Juntas de freguesia, organismos corporativos e Misericórdias que hão-de constituir o Conselho Municipal durante o quadriénio de 1942-1945, a reünirem-se na Sala das Sessões desta Câmara, no próximo dia 25 do corrente, por 14 horas, para o efeito de verificação dos poderes dos mesmos vogais e da eleição dos secretários e da Câmara Municipal para o mesmo quadriénio.

Aveiro e Paços do Concelho, 17 de Novembro de 1941.

O Presidente da Câmara
as) *Lourenço Simões Peixinho*

Comarca de Aveiro

—o—

Divórcio

Para os devidos efeitos se anuncia que por sentença que transitou em julgado, foi decretado definitivamente o divórcio entre os conjuges Clementina Lopes e Joaquim Marques, aquela de Eixo e êste da Mourisca, cuja sentença tem a data de 21 de Outubro de 1941.

Aveiro, 10 de Novembro de 1941.

O Chefe da Secretaria
Carlos de Sousa

Verifiquei
O Juiz de Direito da 1.ª Vara
Perestrello Botelheiro

Comarca de Aveiro

Éditos de 20 dias

1.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da 1.ª Vara da comarca de Aveiro, 1.ª Secção, Cristo, correm éditos de 20 dias, a contar da segunda e última publicação dêste anúncio, citando os crédores desconhecidos dos executados Dona Maria Rosa Simões, viuva, e seus filhos e nora Esequias Simões dos Reis e esposa Dona Hermengarda Mendes de Vasconcelos Simões dos Reis e Ismael Simões dos Reis, solteiro, maior, proprietários e êste professor da Escola de Regentes Agricolas, todos actualmente residentes em Santarem, para, no praso de 10 dias, posterior ao dos éditos, virem deduzir os seus direitos de execução que contra aqueles executados move o exequente Manuel Francisco Atanásio de Carvalho, casado, proprietário, de Requeixo.

Aveiro, 15 de Novembro de 1941.

Verifiquei:
O Juiz de Direito da 1.ª Vara
José Perestrelo Botelheiro

O Chefe da Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

Divórcio

Para os devidos efeitos se anuncia que, por sentença que transitou em julgado, foi decretado definitivamente o divórcio entre os conjuges Rosa de Jesus Palhais e Alfredo André Margarido, ambos da Gafanha de Vagos, cuja sentença tem a data de 21 de Outubro de 1941.

Aveiro, 10 de Novembro de 1941.

O Chefe da Secretaria
Carlos Hermenegildo de Sousa

Verifiquei:
O Juiz de Direito da 1.ª Vara
Perestrelo Botelheiro

Comando Militar de Aveiro

Convocação

Em cumprimento do Art.º 30.º dos Estatutos da Cooperativa da Guarnição Militar de Aveiro, convoco a Assembleia Geral Ordinária a reünir no dia 3 de Dezembro próximo, pelas 16 horas, na Sala dos Srs. Oficiais do R. I. N.º 10, a-fim-de eleger os corpos gerentes para o ano social de 1942.

Caso não reúna número legal de sócios no dia e hora indicados, é desde já a mesma Assembleia convocada para reünir no dia 6 do dito mês, local e hora.

Aveiro, 17 de Novembro de 1941.

O Comandante Militar
Gaspar Ferreira
Coronel

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

1.ª publicação

Na execução de sentença d'acção sumária em que é exequente Viriato Moreira, casado, comerciante, do lugar e freguesia de Eixo, desta comarca de Aveiro, e são executados Manuel Luis Ferreira de Abreu e mulher, proprietários, êle residente em Tancos, e ela em Coimbra, José Luís Ferreira de Abreu, viuvo, João Luís Ferreira de Abreu, viuvo, ambos lavradores, do dito lugar e freguesia de Eixo, Porfirio Luís Ferreira de Abreu, solteiro, maior, professor de ensino primário em Alenquer, Sebastião Luís Ferreira de Abreu, casado, lavrador, e Gracinda Marques Ferreira de Abreu, como representante dos menores seus filhos Fernando Evaristo de Abreu, Maria Augusta de Abreu e Manuel Evaristo de Abreu, êstes e aquele também moradores no referido lugar e freguesia de Eixo, e no dia 6 do próximo mes de Dezembro, por 12 horas, no Tribunal Judicial desta dita comarca, à Praça da República, vão ser postos em praça para serem arrematados pelo maior lanço oferecido acima de seus respectivos valores, abaixo indicados, penhorados na mencionada execução de sentença, e deduzido o usufruto, os seguintes prédios:

Um terreno a mato no local da Milheira, limite de Eixo, no valor de 33$00;

Um terreno a mato, no Vale Salgueiro, limite de Eixo, no valor de 2.868$80;

Uma terra lavradia, nas Voltas, limite de Eixo, no valor de 255$20;

Um terreno a mato na Horta, no valor de 26$40;

Um terreno a mato, tambem em Horta, no valor de 13$20.

E no dia 7 do mesmo mês, por 12 horas, no dito lugar e freguesia de Eixo, em casa da usufrutuaria Maria Ferreira das Neves, vão ser postos em praça, para serem entregues a quem maior lanço oferecer acima de seus respectivos valores, tambem penhorados na referida execução e com dedução do usufruto:

Diversos móveis e utensilios de lavoura.

Tanto êstes como os prédios estão sujeitos ao usufruto vitalicio da dita Maria Ferreira das Neves viuva, domestica e moradora no dito lugar e freguesia de Eixo.

Aveiro, 13 de Novembro de 1941.

Verifiquei.
O Juiz de Direito da 2.ª Vara
A. Fontes

O Chefe da 1.ª Secção
António Augusto dos Santos Vict